

mundo

Países muçulmanos iniciam ramadã com regras sanitárias

Governos tentam convencer conservadores de que vacina não quebra jejum

Diogo Bercito

WASHINGTON A lua crescente, marcando o céu da noite como a ponta de uma unha, anuncia a chegada do ramadã. É o mês mais sagrado para os muçulmanos, um período em que a aglomeração é uma tradição religiosa. E é mais um ritual que a pandemia da Covid-19 transformou.

Governos de países de maioria muçulmana, como Arábia Saudita e Egito, anunciaram medidas para evitar as reuniões típicas deste período —na prática, fechando mesquitas e criando um debate público semelhante ao que acontece no Brasil, onde existe quem queira abrir igrejas. Há outro desafio naquela região: a ideia, entre alguns religiosos, de que a vacina fere sua fé.

O ramadã marca o período do ano em que, segundo a tradição islâmica, o profeta Maomé recebeu suas revelações divinas, no século 7. Para celebrar a chegada de su-

as leis religiosas, muçulmanos jejuam do nascer ao pôr-do-sol. Esse é um dos pilares do islã, às vezes seguido mesmo por quem não pratica a fé no dia a dia. É também um dos pilares de sua vida social.

Como o islã segue um calendário lunar, a data varia todo ano. Depende de a lua crescente ser avistada. Neste ano, a maior parte dos muçulmanos deve começar a jejuar na manhã de terça (13). Em geral, os momentos antes e depois do jejum são de intensa interação social. A última refeição antes do nascer do sol, conhecida como sahur, e a quebra do jejum, o iftar, são celebrações que por vezes atraem centenas de pessoas.

Muçulmanos se reúnem em torno da mesa para tomar o qamar al-din, uma bebida dulcíssima feita de pasta de damasco e açúcar. Isso acontece em casa ou em tendas armadas na rua, onde organizações de caridade distribuem comida à população carente.

Depois, vão à mesquita para as chamadas tarawih, as rezas noturnas típicas do ramadã.

Há uma série de outras tradições sociais, a depender do país. Por exemplo, pessoas conhecidas como musaharati caminham pelos bairros tocando tambor para acordar o povo antes do nascer do sol. Há também o itikaf, nome dado ao costume religioso de morar dentro da mesquita.

É o que acontece em um ano corriqueiro.

Arriscando o atrito com sua população mais conservadora, a maior parte dos países agora impõe restrições. A Turquia, por exemplo, terá toques de recolher das 21h às 5h, além de proibir o sahur, o iftar e as tarawih. O Egito proibiu tendas de comida, o que afeta em especial a população que depende da caridade para poder quebrar o seu jejum.

Uma das apostas ao redor do mundo de maioria muçulmana é oferecer rezas on-line, acompanhadas a distân-

“As pessoas tiveram bastante paciência no ano passado [...] Mas elas estavam esperando que a pandemia acabasse logo. Neste ano, estão resistindo às medidas de isolamento porque a opinião pública mudou”

Ahmed Gaaloul
ex-ministro do Esporte
e da Juventude da Tunísia

cia. Outra tradição que deve acontecer on-line são os círculos de estudo religioso conhecidos como halaqa. Mas as autoridades temem que essas opções não bastem para quem já está cansado de se isolar.

Mesmo com mesquitas fechadas, parte da população pode decidir se reunir em casa, desrespeitando as medidas de isolamento social. É tradicional que as pessoas se congreguem, por exemplo, para assistir às famosas novelas de ramadã — megaproduções que duram todo o mês e marcam o calendário cultural.

“As pessoas tiveram bastante paciência no ano passado, quando nós impusemos restrições radicais”, diz Ahmed Gaaloul, que foi ministro de Esporte e Juventude na Tunísia em 2020. “Mas elas estavam esperando que a pandemia acabasse logo. Neste ano, estão resistindo às medidas de isolamento porque a opinião pública mudou”. Isso explica, diz Gaaloul, por que governos estão tentando abrir brechas, já prevendo que será difícil forçar isolamento total.

Na Arábia Saudita, por exemplo, a capacidade da Mesquita do Profeta — uma das mais sagradas do islã — foi reduzida de 350 mil pessoas para 60 mil, e com distanciamento social. Quem provar que já está imunizado poderá peregrinar a Meca. Nos Emirados Árabes Unidos, será pos-

sível participar das rezas noturnas, que tinham sido proibidas em 2020 no primeiro ano de ramadã pandêmico.

“A questão do isolamento durante o ramadã toca em um ponto sensível nas nossas sociedades, toca na emoção e na fé das pessoas”, o ex-ministro tunisiano diz. Tanto que, se em 2020 as pessoas aceitaram a proibição dos funerais das vítimas de Covid-19, neste ano elas estão burlando as leis e escondendo a causa da morte de seus familiares para poder seguir com seus rituais.

Para além do isolamento social, um outro desafio para os governos será convencer os setores mais conservadores de que a vacinação não quebra o jejum. Antecipando essa resistência, autoridades religiosas emitiram uma série de anúncios dizendo que a injeção não interfere no ramadã.

Nesse sentido, o pronunciamento das autoridades sauditas — que controlam as mesquitas mais sagradas, nas cidades de Meca e Medina — tranquilizou os reticentes. Uma maneira de contornar essa resistência é vacinar a população à noite, nas mesquitas, fora do horário de jejum.

“Ao vacinar as pessoas, nós passamos a mensagem de que tudo isso vai acabar um dia, o que ajuda a população a aceitar passar mais um ramadã em isolamento social”, afirma o ex-ministro Gaaloul.



Decorações luminosas enfeitam rua do Cairo, capital do Egito, para celebrar o início do mês ramadã, sagrado para muçulmanos. Khaled Dsouki/AFP

Nem neve estraga brinde dos ingleses em reabertura dos pubs

Marina Izidro

LONDRES O estudante Redvers Freeman foi o primeiro a chegar ao Oxford Arms, pub na região turística de Camden Town, em Londres, nesta segunda-feira (12). Nem a neve fina que caiu pela manhã e a temperatura de 3°C em meio à primavera no hemisfério Norte desencorajaram o encontro com os amigos.

“É uma volta à vida! Parece um retorno ao normal”, afirmou Freeman à Folha, segurando um copo de cerveja.

Depois de mais de três meses de lockdown — o terceiro desde o início da pandemia —, o Reino Unido começou uma nova etapa do desconfinamento. Na Inglaterra, pubs e restaurantes, fechados desde dezembro, agora podem servir em áreas externas, o que ocorrerá na Escócia e no País de Gales apenas em 26 de abril — ainda não há data marcada na Irlanda do Norte.

Muitos ingleses ainda foram às compras ou ao barbeiro, já que lojas e salões também reabriram. Já Freeman não teve dúvidas de qual seria o programa do dia. “Eu mesmo cortei o meu cabelo em casa. A prioridade não é essa. Hoje vamos a vários pubs diferentes, é hora de aproveitar”, disse.

No entanto, não é uma ida ao pub como antigamente. Na entrada, o cliente precisa informar nome e telefone ou acessar o aplicativo de rastreamento do governo. Depois de desinfetar as mãos com álcool em gel, sinais no chão indicam um sistema de mão única até a área externa. Nas paredes, mensagens avisam sobre distanciamento social. Até se sentar é preciso usar máscara, e os pedidos só podem ser feitos nas mesas que acomodam no máximo seis pessoas.

Muitos pubs criaram aplicativos próprios em que é possível comprar comidas e bebidas e fazer o pagamento,

sem interagir com atendentes nem usar máquinas de cartão.

Depois de apenas quatro meses abertos em mais de um ano de pandemia e um investimento de milhares de libras em adaptações às exigências sanitárias, tantas regras trazem receio aos proprietários. “Durante esse tempo, recebemos uma pequena ajuda do governo local, mas nada comparado ao faturamento normal. Temos que pagar aluguel, funcionários. Estamos apenas sobrevivendo no momento. Devido às medidas restritivas, estamos operando com um terço da capacidade”, afirmou a gerente Caroline Maloney.

No primeiro dia da reabertura, valeu de tudo para atrair a clientela. Um pub na região de Bexleyheath abriu as portas à meia-noite de segunda-feira apenas por algumas horas. Já o Greyhound Inn, em Buxton, começou a servir o tradicional café da manhã inglês, que inclui torradas, fei-

ção, linguiça e ovos, às 8h, sob temperatura de -1°C. Clientes sorridentes e encasacados comemaram a primeira refeição do dia acompanhada de uma pint (copo de cerveja de 568 ml).

Mas esses foram minoria. De acordo com a Associação Britânica de Cervejas e Pubs, apenas 40% dos pubs na Inglaterra — cerca de 15 mil estabelecimentos — puderam reabrir. O restante não tem área aberta ou não se enquadra nas regras estabelecidas pelas autoridades. Desde março do ano passado, 2,1 bilhões de pintos deixaram de ser servidas em todo o Reino Unido, uma perda de receita de £ 8,2 bilhões (quase R\$ 65 bilhões). Além disso, 2.000 estabelecimentos fecharam as portas de vez devido à pandemia.

Quem retomou as atividades espera ter prejuízo até que seja permitido servir na parte interna dos salões, a partir de 17 de maio. Pat Logue, dono do Sheephaven Bay,

pub irlandês de Londres frequentado por moradores locais e decorado com bandeiras e camisas de times de futebol, gastou o equivalente a R\$ 300 mil do próprio bolso para manter o negócio.

“A reabertura traz mistura de sentimentos. Estou nervoso, mas também empolgado”, disse. “É como começar de novo, me sinto como no primeiro dia em que abrimos”.

Na área externa, alguns clientes que costumavam se encontrar diariamente se viram pela primeira vez neste ano. “Ir ao pub não é só beber, é falar com quem você talvez nunca mais encontre, e esse é um conceito que não temos há 13 meses”, disse um deles.

Em um momento em que os ingleses estão sedentos por contato social, o premiê Boris Johnson pediu a todos que “ajam de forma responsável”. O próprio premiê havia prometido ir ao pub, mas cancelou a visita em respeito à

morte do príncipe Philip, marido da rainha Elizabeth 2ª.

Boris já enfrenta, porém, a resistência do setor devido à possível implementação de um certificado que permitiria a entrada em locais com aglomerações, como casas noturnas e pubs, de quem foi vacinado, teve resultado negativo no teste de detecção para coronavírus ou tem anticorpos.

Quem é contra a estratégia a considera discriminatória e desnecessária. O lockdown e a campanha de vacinação deram resultados, e casos e mortes despencaram. Mais de 60% dos adultos já receberam a primeira dose da vacina.

“O certificado não daria certo em pubs. Muita gente ainda não se vacinou ou não tomou duas doses”, disse Logue, dono do Sheephaven Bay. “Quem vem a um pub não pode ser submetido a isso. Por que precisariam aqui e em supermercados não? Pubs são o alívio de tudo. Seria muito injusto.”